

## 16. Votos de esperança

A vinda de Cristo torna nossa liberdade responsável para irmos ao seu encontro, para correspondermos com nossos passos e nossos braços abertos aos seus braços estendidos para nos abraçar. Recordemos o quadro “Primeiros Passos” de van Gogh. A cena, no fundo, ilustra o nascimento da liberdade da criança. A criança, pela primeira vez, decide caminhar sozinha. Mas essa não é uma decisão autônoma. A criança não se levantou naquela manhã e disse a si mesma: hoje irei caminhar sozinha. Não, a liberdade humana se ativa somente dentro de um relacionamento de amor, antes de tudo, aquele entre os seus pais; que acolheram essa criança e entre eles criam o espaço para que a criança possa se mover, tornar-se ela mesma, caminhar autonomamente. Uma liberdade nasce e cresce se ela recebe relacionamentos de amor que a acolhem e também a deixam partir. Nesta cena, a criança pode se decidir por caminhar porque o pai a atrai ao seu abraço, e a mãe a apoia e a encoraja a se afastar dela para ir em direção ao pai. Se meditarmos sobre nossa vida, veremos que crescemos na liberdade somente graças a pessoas que nos acolheram sem nos apegar a elas. Infelizmente, há pais que mortificam essa liberdade em seus filhos, não apenas quando esses querem se separar para formar, por exemplo, sua própria família, mas também quando seus filhos se sentem atraídos a seguir o Senhor em uma determinada vocação. Hoje, porém, são muitas vezes os próprios jovens que não ousam dar os primeiros passos que comprometam sua liberdade de assumir uma vocação ou missão de vida que requeira fidelidade, como casar-se e ter filhos ou deixar tudo para seguir Jesus. É como se faltasse a esperança em uma plenitude de vida para a qual Deus nos atrai e que ele não nos pode dar se recusamos a nos lançar em seu abraço.

Por isso, parece-me que um aspecto importante a ser destacado é que a esperança deveria ser como a alma dinâmica dos nossos votos monásticos. Assim como deveria ser a alma dinâmica de qualquer compromisso vocacional, como o casamento ou o sacramento da ordem sagrada.

Os votos monásticos definitivos, como aqueles de obediência, pobreza e castidade, não são decisões finais, mas atos em que a liberdade reconhece na fé que o “para sempre” é um espaço de esperança segura no Deus que nos chama, que nos pede para segui-lo, para pertencer exclusivamente a ele. Sem a dimensão da esperança, os votos se tornam um fechamento sobre nós mesmos que, com o tempo, nos sufoca, nos faz sentir cada vez mais aprisionados e, então, acabamos por nos sentir livres somente fugindo. Em vez disso, a esperança abre diante de nossos compromissos um espaço infinito, no qual nunca cessaremos de penetrar, de correr, sentindo-nos cada vez mais livres, sobretudo livres de nós mesmos, para correr em direção a Deus seguindo Cristo.

A esperança nos permite também não nos fecharmos em nossos fracassos no cumprimento de nossos votos. A esperança em Deus nos oferece um espaço sempre aberto de misericórdia, de humilde retomada, de inícios sempre novos.

Não devemos recomeçar a partir de nós mesmos, mas sempre e somente a partir do Senhor em quem confiamos, a partir da promessa que Jesus nos fez ao nos chamar e que continua a nos fazer.

Nós sempre decepçamos a nós mesmos, mas Cristo não se detém em nossas decepções porque Ele não nos decepçona. Deus não decepçona nossas esperanças porque Ele mantém as suas promessas, principalmente a promessa de seus braços abertos para nos abraçar para sempre. Mas nós achamos que Deus mantém suas promessas somente cumprindo-as imediatamente. Entretanto, frequentemente Deus as mantém como promessas ainda não cumpridas, que nos renovam o chamado e a confiança de que podemos continuar o caminho até o fim. Judas se sentiu traído por Jesus porque não viu a promessa do reino cumprir-se como ele a imaginava, como reino terreno. Em vez disso, Jesus manteve aberta a promessa em um Reino que ele estabeleceu ressuscitando da morte e que se cumprirá na Parusia.

Os votos comportam sempre uma renúncia, um despojamento de algo precioso: com a obediência, renunciamos à liberdade de autodeterminação, com a pobreza, renunciamos à posse privada de bens, e com a castidade, renunciamos à relação afetiva do matrimônio e da família. Se vivemos essas renúncias sem o horizonte da esperança, elas se tornam apenas negativas, são apenas negações de valores essenciais da vida humana. Na esperança, ao contrário, essas renúncias se tornam espaços de dilatação desses valores no relacionamento entre nós e o Senhor, que é, em pessoa, o bem, o valor, o amor que realiza todos eles e os salva.

No entanto, é necessário que o espaço livre que a renúncia cria em nossa vida e na vida das nossas comunidades dê realmente testemunho da esperança, torne-se sempre mais encarnação da esperança e, por conseguinte, testemunho vivo da realização que nos é prometida. Possuímos a realização da vida e de todas as coisas esperando-a do Senhor mais do que segurando-a com firmeza em nossas mãos. Pode-se dizer que a esperança é uma posse que possui o dom deixando-o nas mãos do Doador, do Pai que nos dá tudo aquilo que somos e vivemos. A esperança nos dá a posse da nossa liberdade, de todo bem criado e de toda relação de afeto, com a fecundidade prometida por Deus a todas as coisas, deixando-os nas mãos de Deus, recebendo-os a cada instante de Deus, que no-los dá como quer e segundo seu desígnio de amor universal.

Foi assim que Jesus viveu: “Todas as coisas me foram dadas por meu Pai”, clama Jesus com alegria (Mt 11, 27). Ou ainda: “Tudo o que é meu é teu, e tudo o que é teu é meu”, ora Jesus na oração sacerdotal ao Pai (Jo 17, 10).